

HORTA COMO ESPAÇO EDUCADOR NA ESCOLA

Apostila do curso de formação escrita por Mayla Willik Valenti, Fubá – Educação Ambiental e Criatividade
(www.fubaea.com.br)

1 - POR QUE FAZER UMA HORTA NA ESCOLA?

As hortas nas escolas estão cada vez mais difundidas como projeto educativo de meio ambiente que integra diferentes disciplinas e envolve toda a comunidade. Vamos apresentar alguns motivos para isso estar acontecendo.

Para promover o contato com a natureza

Com o avanço da urbanização e da tecnologia, nós, seres humanos nos afastamos cada vez mais da natureza e de seus ciclos. Mesmo em áreas rurais, os ambientes estão cada vez mais modificados e dependentes de insumos externos. Dessa forma, fomos perdendo a noção de interdependência que rege a vida da Terra. Resgatar o contato com os elementos naturais e a possibilidade de contemplar as interações ecológicas faz parte da solução para a crise ambiental que nós vivemos hoje, tanto de um ponto de vista mais subjetivo como pensando nas ações individuais e coletivas necessárias para a construção de um mundo mais justo e mais sustentável.

Para agir de forma consciente

Ao resgatar o contato com a natureza, a compreensão sobre a origem dos nossos alimentos e sobre os processos pelos quais eles passam até chegar no nosso prato, podemos tomar decisões mais conscientes em relação ao que consumimos e aos impactos positivos ou negativos que as nossas escolhas têm para nós mesmas (os), para a sociedade e para o ambiente.

Para refletir sobre os impactos da agricultura na sociedade e no ambiente

Há milhares de anos os seres humanos dependem da agricultura para sobreviver. Hoje, o agronegócio movimenta bilhões de dólares. Mas, mesmo assim, nem todas as pessoas têm acesso a uma alimentação saudável. Cada vez mais temos percebido que o problema da fome no mundo tem mais a ver com a distribuição e o combate ao desperdício de alimentos do que com a sua produção. Ou seja, a solução está mais relacionada a decisões políticas, sociais e econômicas do que a técnicas de produção agrícola.

Ao mesmo tempo, o agronegócio de larga escala é uma das atividades econômicas mais impactantes para o meio ambiente. Ele está associado à monocultura em grandes latifúndios e que produz de acordo com as demandas de mercado e não para a produção direta de alimentos. Ou seja, a produção de grãos, algodão e a pecuária feitas de forma convencional é uma das principais responsáveis pelo desmatamento das áreas naturais, pelo empobrecimento do solo, por um gasto excessivo de água, pela contaminação do solo e de corpos de água por produtos químicos, pela invasão de espécies exóticas. Todos esses fatores levam à perda da biodiversidade que mantém o equilíbrio dinâmico da natureza responsável pela conservação da vida na Terra. Além disso, existem problemas sociais, culturais e de saúde associados ao agronegócio, como o uso de trabalho semelhante ao escravo, a contaminação das(os) trabalhadoras(es) por produtos químicos, a perda da cultura local pela padronização das técnicas de cultivo (um único modelo de agricultura é imposto por grandes corporações internacionais, inclusive em relação às sementes), além da presença excessiva de agrotóxicos nos alimentos que chegam à nossa mesa.

Para buscar soluções transformadoras

Enfrentar todos esses problemas não é simples e nos exige muitos aprendizados: a sensibilização sobre essas questões, a motivação e a intenção para buscar soluções, a valorização de diferentes saberes (desde o científico até o popular), o planejamento, o trabalho coletivo, a cooperação, a participação cidadã e a esperança de que é possível fazer diferente.

É importante sabermos que a produção de alimentos pela agricultura convencional não é o único caminho possível e que é preciso buscar alternativas para que possamos sustentar a vida no planeta. A agricultura orgânica, biodinâmica, a agroecologia e a produção agroflorestal são algumas das possibilidades de alterarmos esse cenário valorizando a produção familiar em pequena escala que é aquela que realmente fornece alimentos para os seres humanos.

Para atender às políticas educacionais e de meio ambiente

Inúmeros documentos de referência para a Educação no país colocam o Meio Ambiente como um dos temas que deve constar no currículo escolar e a Educação Ambiental é um tema transversal obrigatório em todos os níveis de ensino. Alguns desses documentos são: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, os Parâmetros Nacionais Curriculares, a Política Nacional de Educação Ambiental e a Base Nacional Curricular Comum que deverá ser implementada em breve.

A Política Nacional de Meio Ambiente também exige que a Educação Ambiental seja difundida para toda a população, a qual se torna co-responsável pela conservação ambiental, junto com governos e instituições privadas. Além desta, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) exige que o setor público dê uma destinação correta para seus resíduos orgânicos, e as composteiras nas escolas podem ser um caminho para que as prefeituras atendam a essa política. Essa cobrança do cumprimento da PNRS já está sendo feita em alguns estados do país e logo deverá ser implementada em todo o território.

Portanto, a implantação de hortas nas escolas pode nos ajudar em todos esses aspectos, já que o potencial educativo desse processo é enorme. As hortas escolares trabalham com conteúdos estabelecidos nos currículos, articulam teoria e prática, proporcionam o contato com a natureza, o envolvimento da comunidade escolar e são um projeto de baixo custo com um grande potencial transformador.

2 - AS HORTAS ECOLARES COMO ESPAÇOS EDUCADORES

O conceito de espaços educadores parte do princípio de que todas as pessoas aprendem sempre em interação, seja com o meio físico e natural, seja com outras pessoas. Dessa forma, todos os espaços que ocupamos durante a vida são lugares de aprender. Então, o que vamos aprender depende de que tipos de interações esses espaços nos proporcionam. Ou seja, uma estrutura ou um espaço educador tem sempre uma intenção educativa definida e concretizada.

A intenção educativa faz toda a diferença

Como educadoras(es), temos objetivos educacionais que podem ser contemplados na interação das(os) educandas(os) com diferentes espaços. Para um lugar ser considerado um espaço educador essa intenção educativa precisa estar traduzida tanto no espaço em si como nas vivências que ocorrem ali.

Os espaços educadores mais conhecidos são zoológicos, trilhas interpretativas, jardins botânicos, museus. Mas até uma faixa de pedestre, um muro, uma rua podem ser considerados espaços educadores, se forem usados para proporcionar experiências de aprendizado. Então, fica fácil perceber que as hortas nas escolas são espaços educadores com um grande potencial. Mas, para isso, é necessário que a horta seja realmente planejada e executada de modo que exerça esse papel.

O principal objetivo da horta escolar não é produzir alimento

O principal objetivo de uma horta escolar não deve ser produzir alimentos. O principal objetivo de uma horta escolar é educar. Embora isso pareça óbvio, na prática, vemos muitas equipes de educadoras(es) mais preocupadas(os) com as técnicas de plantio e cuidados com a produção do que com as atividades pedagógicas. Ter uma horta bonita e produtiva é importante. Mas, propiciar uma diversidade de interações educativas para a comunidade escolar é ainda mais importante.

Planejar é preciso

Se a intenção educativa é fundamental para que as hortas escolares se configurem como espaços educadores, o planejamento tanto do **espaço físico**, como do **trabalho necessário para implantar e manter a horta** e o **planejamento pedagógico** ajudam a concretizar essa intencionalidade.

Planejamento do espaço físico e do cultivo da horta

O espaço físico e o cultivo da horta devem ser pensados para proporcionar as mais diversas experiências de aprendizado. Por exemplo, o tamanho dos canteiros deve ser compatível com a idade das pessoas que vão aprender com eles. Crianças pequenas precisam de canteiros mais estreitos para conseguirem manejar a horta. Além disso, materiais reaproveitados podem ser usados na implementação da horta para que promovam uma reflexão sobre o consumo consciente e a destinação de resíduos. Técnicas de bioconstrução podem ser utilizadas para apresentar alternativas mais sustentáveis em relação às técnicas de construção convencionais. Todo elemento presente na horta terá um efeito na aprendizagem e por isso todas as escolhas precisam ser bem planejadas.

Em relação à horta em si, a agroecologia pode ser a base para o plantio dos vegetais. Existem várias técnicas de cultivo que consideram os ciclos naturais e as interações ecológicas na produção de hortaliças, legumes, raízes e frutas. Os princípios da agroecologia incluem: aumento da agrobiodiversidade valorizando o consórcio de espécies, a estratificação, e processos de sucessão ecológica; o favorecimento da ciclagem de nutrientes e da vida no solo, cuidando para este esteja sempre coberto; a minimização do uso de insumos externos, sem lançar mão de fertilizantes ou defensivos químicos; e considerar o ser humano como agente potencializador do sistema que executa as tarefas de manejo como rega, poda, cobertura do solo, adubação, colheita e replantio.

A escolha das espécies a serem plantadas na horta também pode ser um processo educativo. Pode-se, por exemplo, privilegiar aquelas plantas que são mais importantes para a comunidade local, inclusive envolvendo a comunidade e promovendo um resgate de tradições culturais. Pode-se ainda optar por plantas de origem brasileira ou em apresentar a maior diversidade possível de vegetais, incluindo as plantas alimentícias não-convencionais (PANCs).

Planejamento do trabalho na horta

A dinâmica de trabalho na horta pode criar momentos para mais aprendizados. Por exemplo, associar o trabalho na horta com a cozinha da escola permite o estudo de temas como alimentação saudável, como evitar o desperdício de alimentos, compostagem, etc. Além disso, promove a troca de experiências entre funcionárias(os) e estudantes, o que será muito rico para ambos os grupos.

Montar uma escala com todas as salas para cuidar da horta também é uma boa ideia e permite o acompanhamento do desenvolvimento das plantas (e animais associados) por todos as(os) estudantes. Em uma horta na escola, cada criança ou grupo de crianças pode ser responsável por um pequeno canteiro, exercitando o cuidado e a responsabilidade. A escala também pode incluir momentos em que turmas de idades diferentes se encontram na horta, favorecendo o aprendizado pela diversidade de interações. Por exemplo, as crianças mais novas podem transmitir seu encantamento às mais velhas enquanto estas podem exercitar a cooperação ao ajudar as mais novas com as tarefas da horta.

Além de envolver funcionárias(os) e estudantes da escola, convidar mães, pais e responsáveis para participar dos cuidados com a horta ajuda em sua implantação e manutenção e, ao mesmo tempo, envolve toda a comunidade em um projeto coletivo. A horta pode funcionar ainda como um atrativo para aumentar a interação dos responsáveis pelas crianças com a escola.

Planejamento pedagógico

O planejamento pedagógico do projeto da horta escolar deve incluir todas as disciplinas, de preferência de forma integrada. É por meio do planejamento pedagógico que os conteúdos escolares são associados às práticas na horta. É importante que a horta não seja encarada como um conteúdo extra, mas que faça parte do currículo. Assim, a adesão do corpo docente também será maior. Os conhecimentos, experiências, habilidades e a criatividade de cada professor(a) será muito útil na elaboração das atividades que podem ser realizadas ao ar livre, na horta, ou mesmo em sala de aula.

Alguns exemplos de atividades são: estudar com mais profundidade teórica os conteúdos de cada disciplina que podem ser relacionados à horta. Contação de histórias, teatro, figuras para colorir, máscaras e fantoches podem funcionar muito bem para as turmas de Educação Infantil. Uma feira com os produtos da horta pode contribuir para o aprendizado da matemática financeira, além de habilidades empreendedoras, trabalho coletivo, etc.

O envolvimento da comunidade no projeto é fundamental, mas geralmente é gradual

Quando buscarmos referências teóricas na Educação Ambiental para implantar hortas nas escolas sempre encontramos a recomendação de que todas as pessoas envolvidas com a escola participem desse processo. As chances do projeto da horta dar certo aumentam muito com a participação de toda a comunidade escolar: estudantes, professoras(es), funcionárias(os), coordenação, mães, pais, responsáveis pelas crianças e população do entorno. Afinal, quanto mais gente, maior será a força de trabalho disponível para o projeto. Ao mesmo tempo, o potencial de aprendizagem se amplia já que envolver a comunidade também significa dar a oportunidade para que mais pessoas aprendam com a horta. Além disso, com uma maior diversidade de pessoas interagindo, sempre é possível aprender mais porque cada uma tem conhecimentos e experiências diferentes para compartilhar com o grupo.

Há várias formas de envolver a comunidade no projeto da horta escolar. Um aspecto importante é comunicar para toda a escola e população do entorno sobre o projeto. Cada pessoa precisa compreender não apenas a sua função no trabalho com a horta, mas também os objetivos, as atividades que serão realizadas e os benefícios que o projeto poderá trazer para todo mundo. Isso fará bastante diferença para aumentar a adesão ao projeto.

No início é importante que a comunicação seja feita pessoalmente em reuniões ou em diálogo com cada pessoa envolvida. Dessa forma, as dúvidas e preocupações poderão ser compartilhadas e há maiores chances de entendimento. Ao longo do projeto, a comunicação também poderá ser feita por escrito, em cartazes, boletins informativos, ou pela internet. Também é interessante prever espaços de diálogo ao longo do tempo. Podem ser reuniões ou eventos agendados periodicamente ou mesmo uma caixinha de sugestões colocada em local estratégico na escola.

A realização de um diagnóstico participativo no início do projeto pode ser uma ótima estratégia para envolver a comunidade. No diagnóstico, as pessoas são convidadas a observar, perceber e refletir sobre sua própria realidade para depois buscar as melhores soluções.

O ideal é que o diagnóstico envolva todas as pessoas que podem futuramente poderão participar do projeto da horta na escola. Ele pode começar com (as)os estudantes, como uma pesquisa a ser feita em casa, com amigas(os) e familiares, por exemplo. Além disso, é fundamental envolver funcionárias(os), professoras(es) e coordenação. O diagnóstico também pode abarcar uma pesquisa documental em livros, guias e pela internet para a busca das melhores práticas e diferentes técnicas de cultivo. Ou seja, o próprio diagnóstico já se configura como um rico processo educativo.

ASPECTOS QUE PODEM SER LEVANTADOS NO DIAGNÓSTICO

- Quais espécies de plantas as pessoas já cultivam ou costumavam cultivar em sua casa?
- Quais espécies de plantas as pessoas gostariam de cultivar? Como as pessoas gostariam que fosse a horta na escola?
- Que animais costumam aparecer nas hortas na região? Eles são “amigos” ou “inimigos” da horta?
- Como as pessoas costumam lidar com as pragas e doenças?
- Como são feitos os canteiros em casa ou no sítio? Que materiais e ferramentas são utilizados?
- A comunidade possui algum material útil para a horta da escola que poderia ser doado?
- Como é feita a adubação das hortas que já existem? Alguém já faz compostagem na comunidade?
- Como é a alimentação nas casas de cada pessoa? Quem come bastante verdura? Quem não come? Quais os motivos dessas escolhas?
- Alguém tem receitas para aproveitamento integral dos alimentos?
- Quais são os pratos preferidos das pessoas? E os pratos tradicionais? Alguém tem uma receita interessante para compartilhar?
- Quais memórias, sensações e sentimentos as pessoas relacionam ao cultivo de hortas?
- Quais os desafios que as pessoas enfrentam ou percebem para a implantação de uma horta em casa ou na escola?
- Quais soluções já foram encontradas?
- Quem gostaria de participar e poderia ajudar na implantação da horta? Quais os melhores dias e horários para essa contribuição?

Depois da coleta de dados, é fundamental que eles sejam sistematizados e **realmente considerados no planejamento e execução da horta na escola**. Levar em conta os desejos, demandas, interesses e possibilidades de contribuição de cada pessoa para o projeto fará toda a diferença para motivar a sua participação. Nem sempre será possível atender todas as demandas, mas deve haver um esforço de todas as pessoas para que isso aconteça, mesmo que a longo prazo. A argumentação e o diálogo serão essenciais nesse processo de negociação de prioridades.

Mesmo com todos os esforços para engajar a comunidade no projeto da horta, é muito provável que essa adesão seja gradual. Algumas pessoas que já se interessam pelo tema e pela prática e também aquelas que têm mais disponibilidade de tempo costumam aderir primeiro. Outras pessoas vão precisar de mais tempo para se dispor a participar. E algumas não vão se interessar pelo projeto. Manter uma postura sempre receptiva e aberta ao diálogo e evitar críticas desnecessárias fará com que o apoio ao projeto aumente gradativamente. Ou seja, a horta escolar deve ser pensada como um processo educativo e de transformação de longo prazo.

3- O POTENCIAL EDUCATIVO DAS HORTAS ESCOLARES

Por tratar das relações entre os seres humanos e o meio ambiente, a Educação Ambiental é uma base importante para o desenvolvimento das ações educativas nas hortas escolares. A base teórica da Educação Ambiental propõe que os projetos contemplem três dimensões para que proporcionem aprendizado e transformação da realidade: participação, valores e conhecimentos

As dimensões da Educação Ambiental

A **dimensão da participação** trabalha com subsídios para uma ação no mundo mais consciente e em busca de transformações. Aborda a legislação de forma crítica analisando prós e contras, incentiva ações e movimentos coletivos para além do “cada um fazer sua parte”, propõe a construção coletiva de um ideal de sociedade e apresenta na própria ação educativa espaços de participação e diálogo. Entre os princípios relacionados a essa dimensão estão o **diálogo** e a **ação-reflexão**.

Os **valores** trabalham o aspecto mais subjetivo de cada participante da ação educativa. Essa dimensão propõe a revisão de valores como o individualismo e as injustiças ambientais e sociais e incentiva uma visão mais colaborativa e solidária entre as pessoas e entre os seres humanos e a natureza. Além disso, propõe momentos de parada e de contemplação da beleza da natureza e da vida como um todo a partir do uso dos sentidos e da experiência. Entre os princípios desta dimensão estão a **ética e justiça ambiental** e a **estética** fundamentada no **contato com a natureza** como fonte de aprendizado.

Os **conhecimentos** se referem aos conteúdos técnicos e científicos, mas também aos outros tipos de saberes, como o popular e o tradicional. Contempla também a visão sistêmica do meio ambiente, a contextualização de aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, além dos biológicos e a interdisciplinaridade. Entre os princípios desta dimensão estão a valorização da **diversidade de saberes** e uma **visão ampla e sistêmica** de meio ambiente.

É importante dizer que as dimensões devem estar sempre articuladas nas ações educativas. Talvez este seja o maior desafio de quem planeja e executa uma atividade de Educação Ambiental. Dependendo da atividade, uma ou outra dimensão receberá ênfase maior. Mas o desafio é sempre pensar em todas elas juntas e inter-relacionadas. Em geral, a tendência é priorizarmos a dimensão dos conhecimentos em detrimento das outras dimensões. Para evitar isso, podemos começar a planejar a atividade pensando primeiro na dimensão dos valores e da participação e só depois pensar na dimensão dos conhecimentos. Vale a pena lembrar também que esta é uma divisão didática e que a ação educativa representa uma unidade. Por isso, há muitas relações e pontos em comum entre as dimensões.

Pensando a partir das dimensões da Educação Ambiental, podemos perceber o enorme potencial educativo das hortas nas escolas pela figura abaixo. Ela indica apenas algumas das possibilidades para o trabalho educativo nas hortas. Os conhecimentos, a experiência e a criatividade de cada professor(a) e também das outras pessoas envolvidas no projeto podem ampliar ainda mais essa lista.

HORTA ESCOLAR COMO ESPAÇO EDUCADOR

<h3>Participação</h3> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo • Participação da comunidade escolar • Trabalho coletivo • Estudo, planejamento, plantio, cuidado, colheita • Responsabilidade • Impacto ambiental e social das nossas ações • Escolha consciente • Políticas públicas • Movimentos de agricultura urbana • Compartilhar experiências e aprendizados • Práticas sustentáveis no cotidiano • Economia solidária 	<h3>Valores</h3> <ul style="list-style-type: none"> • Segurança alimentar • Impactos da agricultura • Uso dos sentidos • Contato com a natureza • Cooperação • Valores intrínsecos da biodiversidade • Valores utilitaristas da biodiversidade • Solidariedade • Conflitos em áreas rurais • Justiça ambiental • Direitos de quem consome • Desperdício • Qualidade de vida • Qualidade ambiental • Cuidado 	<h3>Conhecimentos</h3> <ul style="list-style-type: none"> • Agroecologia • Agrobiodiversidade • Solo • Cultura alimentar • Plantas medicinais • Sementes crioulas • Técnicas de cultivo • PANCs • Compostagem • Ciclos naturais • Fauna • Clima • Alimentação saudável • História da agricultura • Matemática financeira • Empreendedorismo • Compostagem • Culinária
---	--	---

OS PRINCIPAIS DESAFIOS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE HORTAS ESCOLARES COMO ESPAÇOS EDUCADORES

Neste ítem vamos listar desafios e soluções para a implantação das hortas escolares como espaços educadores com o objetivo de fugir de uma visão ingênua em relação a este projeto, mas também de mostrar que existem soluções viáveis. Ela foi baseada em relatos de professoras(es), pesquisadoras(es) e gestoras(es) que desenvolvem ou já desenvolveram processos educativos em hortas escolares. Os desafios e soluções estão apresentados em um quadro para facilitar a leitura. Vale lembrar que essa lista pode e deve ser complementada pela realidade vivenciada em cada município e escola e é apenas um ponto de partida para motivar a superação dos desafios e a concretização do projeto de horta escolar como espaço educador.

Desafio	Possíveis soluções
Falta de apoio institucional	Começar o projeto pequeno e ampliar a ação na medida em que a adesão também for aumentando.
	Investir no envolvimento da comunidade para conseguir o seu apoio tanto para viabilizar o projeto como para reforçar a importância do apoio institucional.
	Mostrar os resultados e os benefícios para a escola e todas as pessoas envolvidas (apresentar argumentos, inclusive as políticas educacionais e ambientais, mostrar que o projeto não tem um custo alto e traz muitos benefícios para a escola e comunidade).
	Buscar parceria com outros grupos e instituições (universidade, SESC, etc.).
Falta de conhecimento sobre o que e como plantar	Buscar conhecimentos com a comunidade do entorno.
	Pesquisar em livros, na internet, nos materiais complementares deste curso.
	Buscar formas alternativas de cultivo, com base na agroecologia.
	Buscar ajuda com grupos e instituições que já trabalham com o tema (universidade, SESC, movimentos sociais).
Falta de materiais para implantar a horta	Pedir doação de mudas, sementes e ferramentas para a comunidade.
	Produzir o próprio adubo com uma composteira aproveitando os resíduos orgânicos gerados na própria escola.
	Reaproveitar materiais para delimitar os canteiros, fazer sementeiras, regadores e pazinhas para as crianças.
Falta de envolvimento da comunidade escolar	Mostrar os resultados e os benefícios do projeto para todas as pessoas e investir na comunicação com o público que se deseja envolver.
	Considerar os interesses e necessidades de todas as pessoas no planejamento e manter uma postura receptiva e aberta ao diálogo.
	Abrir espaço para argumentação de todas as pessoas envolvidas e buscar o entendimento entre professoras(es), funcionárias(os), coordenação e população do entorno.
	Realizar um diagnóstico participativo.
A horta é vista como um trabalho a mais	Integrar o projeto aos conteúdos curriculares.
	Cuidar da comunicação e do diálogo com todas as pessoas envolvidas, inclusive sobre os benefícios da horta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este curso e este material tenham sido informativos e inspiradores para a implantação de hortas nas escolas do município de Jacareí. Permanecemos à disposição para novas trocas de experiências e materiais sobre o tema.

Para baixar os arquivos em pdf do kit de materiais complementares deste curso e esta apostila, acesse: www.fubaea.com.br/hortanaescola

Fubá – Educação Ambiental e Criatividade

E-mail: fubaeacriatividade@gmail.com

Site: www.fubaea.com.br

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, L. M. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H.S.; LOGAREZZI, A. *Consumo e resíduos: fundamentos para o trabalho educativo*. São Carlos: Edufscar, 2006, p. 19-41.

DI TULLIO, A. *Contribuições de projeto ProMEA na rede (São Carlos- SP) à construção de identidade e formação ambiental continuada de professoras do ensino básico*. 2014. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Centro de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

IARED, V.G., THIEMANN, F.T., DI TULLIO, A., FRANCO, G.M.M. Hortas escolares: desafios e potencialidades de uma atividade de educação ambiental. *Revista Educação ambiental em Ação*, v. 36, 2011.

LEMOS, G.N.; MARANHÃO, R. R. (Org.). *Viveiros educadores: plantando a vida*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008. 88p.

SÃO CARLOS, PREFEITURA MUNICIPAL. *Horticultura orgânica: a cidade como espaço educador – visita à Horta Municipal (Secretaria Municipal de Educação e Cultura; Fundação Pró-Memória; Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento)*. São Carlos: SMEC, 2008. 40p.

MATERIAIS COMPLEMENTARES:

BERNAL, A. B.; MARTINS, A. de M. C. (Orgs.). *Formação de agentes populares de educação ambiental na agricultura familiar: volume 1 – Educação Ambiental e agricultura familiar no Brasil: aspectos introdutórios*. Brasília: MMA, 2015. 64 p.

BERNAL, A. B.; MARTINS, A. de M. C. (Orgs.). *Formação de agentes populares de educação ambiental na agricultura familiar: volume 4 – O planeta Terra: um sistema vivo*. Brasília: MMA, 2015. 84 p.

BERNAL, A. B.; MARTINS, A. de M. C. (Orgs.). *Formação de agentes populares de educação ambiental na agricultura familiar: volume 5 – Sustentabilidade e agroecologia: conceitos e fundamentos*. Brasília: MMA, 2015. 88 p.

COMPOSTA SÃO PAULO (Morada da Floresta e Blue). *Cartilha para plantio de pequenos jardins urbanos*. São Paulo: Blue, 2014.

COMPOSTA SÃO PAULO (Morada da Floresta). *Manual de compostagem doméstica com minhocas*. São Paulo: Blue, 2014.

RANIERI, G. R. (Org.) *Guia prático sobre PANCs: plantas alimentícias não convencionais*. São Paulo: Instituto Kairós, 2017.